

Debate entre Ciência e Religião encontra no mistério o ponto comum

Anadia O mistério pode ser o ponto comum da Ciência e Religião. Esta foi uma das constatações do debate que juntou dois nomes da Ciência, um crente e outro não

António Jorge Pires

Num debate que colocou frente-a-frente dois nomes da Ciência – Carlos Fiolhais e João Fernandes – na noite de sexta-feira (23 de Maio), no Museu do Vinho (Anadia), esgrimiram-se argumentos entre a coabitação com a Religião ou não. De um lado esteve um crente (João Fernandes), do outro um não crente (Carlos Fiolhais), numa iniciativa da Gradiva e do Centro Nacional de Cultura, intitulada “Palavras no Tempo”. Trata-se de um ciclo de debates, que arrancou em Anadia, e que vai percorrer várias localidades da Região Centro, dedicados ao tema “Educação, Ciência e Religião”, convidando oradores conhecidos das respectivas áreas.

Em Anadia, e perante uma plateia repleta, João Paiva e Aniceto Carmo convidaram João Fernandes (astrónomo e matemático) e Carlos Fiolhais (físico e ensaísta) para o debate em torno do tema Ciência e Religião.

João Fernandes (religioso assumido), assumiu-se como “um aprendiz da temática, mas muito interessado na mesma... estarei na fase da adolescência sobre a coabitação destes dois mundos”, referiu o orador, assegurando que “desde pequeno que sou curioso e que acredito em Deus”.

Foi essa curiosidade e crença religiosa que o leva a afirmar que “ciência e fé podem ter convivência pacífica”, questionando-se mesmo se “não existe permeabilidade entre os dois mundos?”.

Para João Fernandes existem duas pontes entre a Ciência e Religião: a liberdade e a responsabilidade. “A fé e a ciência não se impõem, são actos de liberdade, e ambas tem um carácter de responsabilidade”, sintetizou.

O orador terminaria a sua intervenção com uma interrogação, para a qual diz ainda não ter a resposta: “serei pior cientista por ter fé?”.

Coexistência entre Ciência e Religião é possível

Carlos Fiolhais deixou desde logo ficar clara a sua não crença ao afirmar que se “ciência e religião aparecem separadamente é porque estamos a falar de coisas diferentes”, embora reconheça que “têm algo comum, que é profundo: ambas tentam fazer sentido, e ambas tentam penetrar no mistério”.

Por outro lado, o orador encontra em Galileu o grande ponto de controvérsia. “Apesar de ser católico foi ele que contrariou o movimento do sol e da terra, que vinha descrito na bíblia”. De resto, Carlos Fiolhais admite que a coexistência entre Ciência e Religião é possível, mas “a ciência pode ser feita por crentes ou não crentes”.

“Ambas são capacidades do ser humano, mas a ciência fornece informação, e não valores”, referiu o orador, dando conta que pode estar para breve um novo “embate” nas neurociências, idêntico ao que aconteceu no passado”. E isto porque, segundo Carlos Fiolhais, existem cientistas que se estão a interrogar sobre o aparecimento da crença, e qual a sua origem.

O orador terminaria a sua intervenção citando Carl Sagan: “Será que tentar perceber o universo revela falta de humildade?”.